

**Imprensa e resistência negra em Clóvis Moura:
de documento histórico a grupo específico de autodefesa
(1959-1983)¹**

Cleber Santos VIEIRA*

Resumo: O presente artigo analisa os usos da imprensa como documento histórico e a imprensa negra como objeto de pesquisa no primeiro ciclo de estudos de Clóvis Moura, que abrange os livros *Rebeliões da Senzala* (1959), *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel* (1976), *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?* (1977), *Os Quilombos e a Rebelião Negra* (1981) e *Brasil: Raízes do Protesto Negro* (1983). Tomando-se por base as considerações de Tânia de Luca acerca da história dos periódicos, demonstra-se o percurso historiográfico trilhado por Clóvis Moura sobre a história do negro no Brasil por meio da imprensa e sobre a história dos periódicos produzidos pela população negra, eles mesmos, como manifestações culturais e políticas de grupos específicos.

Palavras-chave: Clóvis Moura. Imprensa Negra. História da Imprensa.

**Press and black resistance on Clóvis Moura:
from historical document to specific group of self-defense (1959-1983)**

Abstract: The article analyzes the uses of the press as historical document and the black press as object of study on the books corresponding to the first cycle of studies of Clóvis Moura, which includes *Rebeliões da Senzala* (1959), *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel* (1976), *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?* (1977), *Os Quilombos e a Rebelião Negra* (1981) and *Brasil: Raízes do Protesto Negro* (1983). From the considerations of Tania de Luca on the history of periodicals, it is demonstrated the historiographic route elaborated by Clóvis Moura on the history of the black people in Brazil through the press and of the periodicals produced by the black population themselves, as cultural and political manifestations of specific groups.

Keywords: Clóvis Moura. Black Press. History of the Press

* Professor Doutor - Departamento de Educação; Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História; Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil. Estrada do Caminho Velho, 333, CEP: 07252-312| Guarulhos-SP. E-mail: clebersvieira@yahoo.com.br

No livro *A Imprensa Negra em São Paulo* (1984), Clóvis Moura realizou um estudo crítico sobre o periodismo afro-brasileiro, cuja singularidade o transformou em uma das mais importantes referências bibliográficas sobre o tema. Jornalista por ofício (NOGUEIRA, 2009, p.16), ele relançou ali, de forma condensada, um conjunto de investigações, ensaios, *insights* e escritos publicados anteriormente.

A finalidade deste artigo é demonstrar o tratamento historiográfico dispensado à imprensa nas pesquisas desenvolvidas por Clóvis Moura. De modo particular, demonstra-se os caminhos pelos quais a imprensa negra figurou como objeto de estudo em sua obra. As reflexões estão focadas nos textos pertencentes àquilo que o autor classificou como seu primeiro ciclo de estudos sobre a história do negro no Brasil. Esta fase compreendeu o período entre 1959 e 1983, fronteiras cronológicas que abrangeram as publicações de *Rebeliões da Senzala* (1959), *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel* (1976), *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?* (1977), *Os Quilombos e a Rebelião Negra* (1981) e *Brasil: Raízes do Protesto Negro* (1983). Conforme assinalou o autor:

Este primeiro ciclo procurou demonstrar a situação do negro atualmente, as origens históricas deste posicionamento social na nossa estrutura, a ideologia racista subjacente ao brasileiro, e, através desta constatação, injetar consciência crítica e revolucionária na comunidade negra e nas camadas e segmentos realmente democráticos do País. (MOURA, 1983, p.09).

Os mencionados escritos moureanos² assumiram, então, dupla função. Por um lado, ocuparam-se de enfatizar as diversas formas de resistência negra, apresentando-as como expressões permanentes, contínuas e dispersas em todo o território brasileiro. De outro, evidenciaram as marcas das estruturas racistas permeando todas relações sociais do Brasil escravista até os dias de hoje. Neste quadro interpretativo, Clóvis Moura mobilizou diferentes recursos metodológicos, explorou conceitos e, por vezes, combinou polos teóricos bastante heterodoxos, mas manteve sempre o materialismo dialético como pano de fundo. Foi, por esta razão, um autor em movimento, não hesitando em submeter seus escritos à crítica até mesmo quando alguns deles carregavam traços de provisoriedade nas conclusões, como o revelam alguns dos títulos ou subtítulos de obras e capítulos.

Foi nesse complexo de reflexões, estimulado a um só tempo pela grandeza investigativa e pelo tom político, de crítica, denúncia e intervenção no debate sobre o racismo que a imprensa, primeiramente, e a imprensa negra, depois, foram destacadas para análise. Leituras e releituras dos textos de Clóvis Moura indicaram o caminho metodológico, que consistiu em esquadrihar as diferentes abordagens sobre a fonte periódica apresentada em cada um dos cinco livros referidos. Tal estratégia permitiu compor um

quadro classificatório no qual a imprensa desponta primeiro como fonte, isto é, documento histórico subsidiário na análise das rebeliões, guerrilhas e insurreições negras no tempo em que a escravidão existiu. Depois, como fonte periódica, expressão da autodefesa acionada por organizações negras contra as barreiras raciais. Esta subdivisão atende a fins analíticos. Não se trata, portanto, de rígida subdivisão capaz de impor obstáculos à observação de dados e informações coletados da imprensa de um modo geral figurando na imprensa negra, e vice-versa.

Ler e escrever em jornais, esquadrihá-los e neles recolher notícias sobre a população negra era uma regra dinâmica e regular no método de trabalho perquirido por Clóvis Moura. Tal evidência inspirou a prosseguir na tarefa de melhor entender as dimensões da fonte periódica em suas publicações. Em primeiro lugar, há de se considerar uma dimensão social e política presente na produção intelectual, cuja trajetória esteve articulada à história das organizações negras dos anos 1970 e de seus respectivos periódicos. Em São Paulo, este cenário foi composto por publicações tais como *Árvores das Palavras*³ e o *Jornegro*⁴, órgão do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN). Em segundo lugar, é necessário considerar algumas características específicas de Clóvis Moura pesquisador, seus métodos de coleta e armazenamento de documentos, bem como da organização de materiais bibliográficos utilizados na elaboração de seus escritos. Chega-se, então, ao perfil de um Clóvis Moura arquivista em cujas pastas e caixas organizadas a fonte periódica ocupava volumoso espaço. Entre os materiais utilizados em sua incansável tarefa de estudar o protagonismo e a marginalização do negro brasileiro na história, três recortes de jornais são bastante elucidadores, no intuito de compreender a transformação da imprensa em seu objeto de estudo.

O primeiro documento refere-se a uma exposição realizada no âmbito da 1ª Semana Afro-Brasileira realizada na cidade de São Paulo, em 1972, no bojo das celebrações do 84º aniversário da abolição da escravatura. A Programação foi noticiada em reportagem especial do jornal *Folha de S. Paulo*, publicada em 13 de maio de 1972, cujo conteúdo informava que: “[...] até 21 de maio estará aberta à visitação pública (entrada franca) a exposição ‘imprensa negra em São Paulo’, na Biblioteca Mário de Andrade, à rua da consolação, 94. [...]” (*Folha de S. Paulo*, 1972, p. 8).

O outro documento revela que, três anos mais tarde, em 1975, o tema imprensa negra voltou à baila. À página vinte do *Jornal da Tarde* do dia 12 de junho de 1975, quinta-feira, uma reportagem em letras maiúsculas apresentava-se sob o título: “Os Jornais dos Netos de Escravos”. Subordinada à chamada principal, o fio condutor da matéria replicava: os velhos jornalistas negros de São Paulo vão contar suas experiências. Destacando notórias figuras do periodismo negro, entre os quais José Correia Leite, Sebastião Gentil,

Jaime de Aguiar, Henrique Cunha, Luis Braga, a matéria trazia o convite para um encontro previsto para o dia 15/06/1975, visando compartilhar experiências e estimular o ressurgimento da imprensa negra. Diz o texto:

Leite e seus companheiros querem, agora, transmitir a sua experiência, contar com detalhes como foi o trabalho que fizeram, analisar os resultados obtidos, com os mais jovens. Universitários principalmente. E pessoas que se interessam em herdar a tarefa deles, fazendo “ressurgir” a imprensa negra. Para isso, convidados por um grupo de estudantes, vão estar no Instituto Laura Camargo (Marquês de Itú, 643) no próximo domingo, a partir das 15 horas, para uma conversa com essas pessoas. Quem estiver interessado, dizem eles, é só parecer, sentar-se, entrar na conversa. (OS JORNAIS..., 1975, p.20).

Um detalhe da nota jornalística chama a atenção e possibilita estender ‘os estudantes interessados no tema’ à figura de Eduardo de Oliveira e Oliveira. O texto fala de pesquisas realizadas sobre a história do negro em São Paulo tendo-se os periódicos como fonte. Para além dos consagrados R. Bastide e F. Fernandes, cujos estudos fomentados pela Unesco datam da década de 1950, apresentou-se novos estudos realizados nos Estados Unidos:

E para tentar fazer ressurgir a “imprensa negra” na cidade, com negros e brancos trabalhando juntos para a elevação dos negros como antigamente, que Leite e os amigos marcaram um encontro com os interessados no domingo. Quem for ao encontro poderá ver também toda a coleção das publicações que eles fizeram, muitas das quais foram consultadas para a elaboração de trabalhos, de estudiosos como Roger Bastide e Florestan Fernandes e mesmo teses de novos universitários de Boston, nos Estados Unidos. Para isso, fizeram especialmente uma microfilmagem dos trabalhos da “imprensa negra” (OS JORNAIS..., 1975, p.20).

Acrescente-se, por fim, outra reportagem que anunciava certa exposição da *Imprensa Negra em São Paulo (1918/1965)*, realizada na Pinacoteca do Estado entre 31 de maio e 26 de junho de 1977, conforme noticiado no jornal o *Estado de S. Paulo* (CARELI, 1977, p. 20). A exposição fez parte da programação da Quinzena do Negro, idealizada pelo sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira. Clóvis Moura foi um dos convidados e proferiu conferência sobre “[...] o negro em sua passagem da condição de escravo a liberto, através de três instâncias: escravidão, urbanização e marginalização [...]” (OLIVEIRA, 1977, p.01).

Esta movimentação intelectual em torno da imprensa negra nos anos 1970 não passou despercebida aos interesses de Clóvis Moura que, não apenas se envolveu diretamente em uma delas, como também registrou em seu arquivo pessoal as notícias e anúncios sobre elas publicadas. A atenção dispensada reverberou em sua produção

intelectual que, embora se desenrolasse às margens do mundo acadêmico *strictu sensu*, mostrou-se, àquela altura, bastante afinada ao padrão de investigação predominante entre historiadores. Nesse período, de acordo com Tânia de Luca, a fonte periódica era sistematicamente utilizada “[...] para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e com postura muito distante da tão temida ingenuidade.[...]” (LUCA, 2008b, p.117). Em muitos momentos, como se verá adiante, Clóvis Moura apropriou-se de informes divulgados nos órgãos de comunicação sobre a repressão aos movimentos de resistência negra não para ressaltar a imagem onipotente das forças colonizadoras, mas sim para afirmar e reafirmar a importância do protagonismo negro na dinâmica do sistema escravista. Os periódicos foram estudados na condição de fontes primárias. Em outro sentido, a própria imprensa negra foi transformada em objeto de estudo destacando-se questões como a da sistematização cronológica dos jornais, da divisão temática contida nas páginas dos impressos, do tipo de discurso político veiculado nos periódicos negros, classificação social dos redatores e jornalistas, entre outros. Enfim, novamente, Clóvis Moura apresentou-se como um pesquisador sincronizado em relação às próprias metamorfoses metodológicas pelas quais o campo temático da fonte periódica atravessava. Conforme demonstrou Tânia de Luca (2008a, p.118), “[...] o estatuto da imprensa sofreu um deslocamento fundamental ainda na década 1970: ao lado da história da imprensa e por meio da imprensa o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica [...]”. No caso de Clóvis Moura, a fonte periódica foi delimitada em termos de imprensa negra, expressão de autodefesa de um grupo específico contra o preconceito de cor.

A imprensa como documento histórico

Na perspectiva analítica lançada neste artigo, pode-se registrar, primeiramente, a imprensa como fonte de estudos sobre a resistência negra em dois livros: *Rebeliões nas Senzalas e Quilombos e Rebeliões Negras*.

A primeira edição de *Rebeliões da Senzala* revela um Clóvis Moura atento às repercussões de acontecimentos relacionados aos protestos negros na imprensa. Logo, no quadro das características gerais, a descrição das rebeliões negras contra o escravismo do último quarto do século XIX registra a participação de setores da imprensa na causa abolicionista. Citou, então, o pioneirismo da *Gazeta da Tarde*, dirigido por Ferreira de Menezes e a participação de tipógrafos do Ceará e do Rio de Janeiro no movimento abolicionista. Anotou o autor:

Os tipógrafos de Fortaleza negam-se a imprimir qualquer impresso que defendesse a escravidão. “A Imperial Associação Tipográfica Fluminense”, ao ter conhecimento de que entre os seus associados havia um escravo, designou uma comissão para libertá-lo [...] (MOURA, 1959, p.43).

A imprensa como documento histórico foi utilizada também no exame da participação da população negra em movimentos políticos denominados gerais, tais como independência, inconfidência mineira, entre outros. Assim, baseado em um livro canônico, os *Autos da Devassa*, ao mencionar certo episódio das lutas pela independência transcorridas em Minas Gerais, em 1789, recuperou o depoimento do Tenente Coronel Brito Malheiro no qual afirmava: “[...] se puseram uns pasquins que diziam que tudo o que fosse homem do Reino havia de morrer e que só ficaria algum velho clérigo e que isto fora posto em nome dos quilombolas [...]” (apud MOURA, 1959, p.51). Ao sublinhar esta passagem sobre os supostos pasquins quilombolas, o autor evidenciou seu faro refinado, atento a qualquer indício de registro da experiência social negra pelas palavras escritas em folhetos, pasquins, revistas ou jornais. O que fica ainda mais evidente se for considerado o fato de que o fragmento extraído do testemunho citado exclui a parte subsequente que complementava e finalizava o parágrafo naquele texto canônico. Ali, o depoente Brito Malheiro deixava em aberto a veracidade da informação sobre a existência de pasquins com mensagens de quilombolas: “se é assim ou não, eu não sei”⁵. Clóvis Moura optou por tonificar o aspecto indiciário da informação. Para isso, conferiu uma interpretação que atribuiu relevância à hipótese da existência dos ditos jornais suprimindo, todavia, o lance de dúvida sobre a confiabilidade da informação manifestada pelo próprio depoente.

Em *Rebeliões da Senzala* a imprensa figurou na qualidade de documento imprescindível para o estudo histórico da resistência quilombola⁶. No capítulo “Quilombos e Guerrilhas” os periódicos *Jornal de Sergipe* e *Jornal de Aracaju* foram explorados na condição de fontes primárias. Parece mesmo que foi da leitura que fez de reportagens e notícias publicadas por esses impressos que Clóvis Moura encontrou uma das mais significativas fundamentações empíricas para o argumento principal de suas rebeliões da senzala. Em um dos trechos afirmou:

Como podemos ver por esta síntese das atividades dos quilombolas sergipanos, a sua maior força de resistência estava no sistema de ligação mantido entre eles e os escravos dos engenhos. Dos últimos recebiam não só acolhidas nas situações difíceis, mas informações constantes, víveres e solidariedade. O “Jornal de Aracaju”, de 3 de abril de 1872, reconhecerá esse fato e estampará sem rodeios: “A experiência tem mostrado o grau de relação que entretem os quilombolas com os escravos dos engenhos: acham aqueles apoio e proteção; trocam estes farinha e agasalho pela partilha nos roubos dos primeiros e em caso de perigo invadem as senzalas”. E acrescentará: “desde que os proprietários situados nos lugares

mais percorridos pelos quilombolas, entregues aos próprios recursos, não oporão resistência e estratégia e serão capturados.” (MOURA, 1959, p.89).

Em resumo, a experiência histórica dos negros sergipanos relatada na imprensa oitocentista serviu, então, para confirmar a tese de que senzalas, quilombos, guerrilhas e insurreições foram faces do mesmo processo de rebelião negra. O escravizado não vivia isolado e pacificamente nas senzalas; já os quilombolas, ao buscarem a liberdade em territórios livres da opressão, não se desligavam completamente das vidas ainda escravizadas nas senzalas. As redes de comunicação entre os dois polos constituíam, pois, o elemento dinâmico de resistência e, conseqüentemente, de desestabilização do sistema escravista.

Mas são necessários ainda alguns comentários sobre a imprensa como documento histórico a partir da segunda edição, revista e ampliada, de *Rebeliões da Senzala* (1972). Merece destaque o capítulo “O escravo e os sertões”. Lê-se ali o esforço de Clóvis Moura em compreender o papel desempenhado pela ação quilombola no povoamento do sertão nordestino. Utilizou-se, para isso, dos informes de fugas de escravos publicados pela imprensa, notícias estas coletadas e analisadas por Gilberto Freyre em *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (MOURA, 1972, p.234). Sobre esta questão, afirmou Clóvis Moura:

Achamos que Gilberto Freyre se aproxima da razão quando vê nas constantes fugas de escravos para o sertão a causa desse pontilhar escuro no interior. Diz ele: “o negro fugido, este às vezes, conseguia ganhar os sertões, as matas, os quilombos. Sobretudo os sertões que, por isto mesmo, parecem ter sido marcados antes com a presença de negros altos e magros – os que, segundo os anúncios de jornais, mais fugiam – do que dos pretos baixos e gordos, talvez os que melhor se acomodavam [...]” “os negros altos e magros – os “secos de corpo” dos anúncios de escravos fugidos – teriam levado consigo para os sertões e quilombos o ânimo de aventura. (MOURA, 1972, p.234).

Quilombos e a rebelião negra, por sua vez, caracteriza-se por ser um livro paradidático, um tipo de material escolar que conquistou espaço no mercado editorial brasileiro a partir dos anos 1980, destinado a estudantes concluintes do ensino médio e até mesmo de semestres iniciais de cursos de graduação. O esforço em dialogar e superar as tradicionais representações dos quilombos ensinadas nas escolas foi explicitamente apontado à página 35 do capítulo nominado “Organização e economia dos quilombos”. Clóvis Moura demonstra a relação dos quilombos com insurreições e guerrilhas em uma trajetória de resistência negra, rompendo com os lugares comuns que até então prevaleciam na história ensinada, isto é, os quilombos “[...] não eram um conglomerado de negros

bárbaros, conforme alguns compêndios ainda teimam em repetir hoje em dia.[...]” (MOURA, 1981, p.34). Em relação aos usos da imprensa, Clóvis Moura recuperou o episódio do envolvimento dos tipógrafos de Fortaleza e do Rio de Janeiro na causa abolicionista e ainda o essencial das guerrilhas e quilombos em Sergipe. Assim, fluía em linguagem e formato escolar um tipo de interpretação que dimensionou a resistência negra em termos da vitalidade política evidenciada nos movimentos que fluíam por correias de transmissão formadas entre senzala e negros rebelados. Desse modo, relançou passagens – originalmente exploradas em *Rebeliões da Senzala* – sobre as tentativas governamentais de reprimir e destruir os mocambos das matas sergipanas em 1874, conforme noticiados pelo *Jornal de Aracaju*. (MOURA, 1981, p.24).

Quilombos e a rebelião negra é um livro direto, paradidático e, por isso, provoca certas inquietações sobre os motivos que levaram Clóvis Moura a inseri-lo no repertório dos cinco principais textos que compõem o primeiro ciclo de seus estudos. Na tentativa de construir alguma resposta válida, foram consideradas duas hipóteses.

Em primeiro lugar, há de se considerar o capítulo “Reivindicação e consciência no escravismo”. Curto, curtíssimo. Apenas seis páginas (p. 72-78). O suficiente, porém, para que o autor revigorasse o argumento sobre a luta de classes no escravismo moderno, considerando as reivindicações negras em um engenho específico como prova inequívoca do erro ou na expressão da ideologia colonialista que considerava os negros escravizados como *instrumentum vocalis*. Para Clóvis Moura, as reivindicações pautadas na rebelião negra na fazenda Santana, em Ilhéu, Bahia, 1789, na qual os rebelados paralisaram as atividades por dois anos e deixaram seus interesses por escrito, demonstravam elaboração intelectual e intervenção da população negra sobre o processo de organização e distribuição da produção, tempo de trabalho, usos de forças produtivas etc. Revelavam, pois, consciência da classe trabalhadora, esboço da transformação de uma consciência em si em direção a uma classe para si.

Em segundo lugar, ao discorrer sobre os limites do movimento abolicionista paulista, Clóvis Moura descreveu a formação da ala abolicionista radical que pregava a participação do negro no processo, grupo formado por Luiz Gama, Silva Jardim, Antônio Bento, Raul Pompéia, entre outros. Esta força, afirmou o autor, apesar de minoritária, se contrapôs à maioria moderada e, muitas vezes, conservadora do movimento. Neste contexto, a imprensa emergiu como um dos instrumentos de luta:

Não sendo possível influir no parlamento, os abolicionistas radicais recorrem a outros meios, **como a imprensa**, o discurso em praça pública e a ligação com os próprios escravos. Raul Pompéia, por exemplo firmava um documento juntamente com Enéias Galvão, Alberto Torres, Raimundo

Correia e Augusto Lima, onde se lê que “a Humanidade só tem a felicitar-se quando um pensamento de revolta passa pelo cérebro oprimido dos rebanhos operários das fazendas. A ideia da insurreição indica que a natureza humana ainda vive. Todas as violências em prol da liberdade – violentamente acabrunhada – devem ser saudadas como vinditas santas. A maior tristeza dos abolicionistas é que estas violências não sejam frequentes e a conflagração não seja geral.” (MOURA, 1981, p. 83-84, grifos nossos).

A imprensa como documento histórico reapareceu ainda nas páginas finais de *Os quilombos e a rebelião negra*. Assim, ao relatar a conflagração da luta abolicionista na região de Campos, Rio de Janeiro, Clóvis Moura detalhou o histórico de atentado e empastelamento do *Jornal Vinte e Cinco de Março*, órgão abolicionista dirigido por Carlos de Lacerda:

Conforme afirmamos, esses abolicionistas socorrem-se da **imprensa** como órgão de agitação de ideias e, ao mesmo tempo, de outras formas de lutas extralegais. Funda-se, sob a direção de Carlos de Lacerda, o *Jornal Vinte e Cinco de Março*, mas, ao mesmo tempo, os abolicionistas passam a tomar medidas subversivas na luta. Uma delas é o incêndio dos canaviais da região, com o apoio dos escravos desses engenhos. O fato repercutiu fortemente na opinião pública conservadora e escravocrata. Carlos de Lacerda sofre um atentado ao realizar uma conferência, morrendo um assistente da mesma por engano. (MOURA, 1981, p.86, grifo nosso).

“O jornal abolicionista de Carlos de Lacerda é empastelado. Muitos os que combatiam o escravismo são levados às barras dos tribunais por esse tipo de ação considerado ilegal.” (MOURA, 1981, p.87). Para demonstrar a resistência negra e a participação de liberais na campanha abolicionista, Clóvis Moura valeu-se exaustivamente da fonte periódica que, de acordo com as categorias de análise balizadoras dos estudos, não era examinada em termos de imprensa negra. O refinamento conceitual surgiu como desdobramento da análise do pós-abolicionismo, quando ex-escravos e seus descendentes viram-se diante da radicalização do processo de marginalização provocado pela condição de classe social e pelo preconceito de cor.

Imprensa negra, um grupo específico

No período aqui estudado, as considerações sobre a imprensa negra como objeto de pesquisa na obra de Clóvis Moura reúnem os livros *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*; *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?*; e *Brasil, Raízes do Protesto Negro*.

Em *O preconceito de cor na literatura de cordel*, Clóvis Moura não explorou a imprensa em nenhuma das duas perspectivas lançadas para a análise, nem como fonte,

nem como objeto. Todavia, ele apresentou importantes considerações acerca dos processos de circulação da ideologia dominante. Neste caso, o preconceito de cor na literatura de cordel é analisado como resíduo das relações sociais estruturadas no sistema escravista e difundidos na cultura popular. Por esta análise, a reprodução do preconceito de cor tornou-se necessidade funcional para manutenção da sociedade de classes, uma vez que introduziu as barreiras de cor no bojo da sociedade capitalista competitiva.

Não obstante, é neste ensaio, ou nesta “tentativa de análise sociológica”, conforme escreveu o próprio autor no subtítulo do livro, que se localizam análises e hipóteses produzidas com base nas zonas de aproximação com o pensamento de Emilio Willems⁷. Esta ação foi decisiva para a consolidação do repertório teórico posteriormente empregado no enquadramento da imprensa negra, entre os grupos específicos de negros no período pós-abolição. É bem verdade que, já na segunda edição de *Rebeliões da Senzala*, Emílio Willems⁸ – precisamente o livro *Antropologia Social* (1962) – foi arrolado no campo de referências bibliográficas dos “[...] trabalhos teóricos sobre metodologia histórica e sistemas sociais globais [...]” (MOURA, 1972, p.257). Aqui, porém, se faz referência ao deslocamento teórico de Clóvis Moura em direção aos conceitos desenvolvidos por Emílio Willems publicadas originalmente no artigo “Problemas de uma sociologia do peneiramento”⁹. Assim, na nota de rodapé número oito, arrolada à página 39 de *O preconceito de cor na literatura de cordel*, lê-se a possibilidade de compreender a barragem racial na sociedade competitiva mediante a seguinte classificação dos tipos possíveis de barreiras:

- a) – organizado (institucionalizado)
 - b) – não organizado (difuso)
- Levando em conta as relações sociais entre as pessoas que se tornam instrumentos ativos ou passivos da ação de peneiramento, este pode ser:
- a) – intra-grupal;
 - b) – inter-grupal
- O critério de número leva à distinção de:
- a) – peneiramento individual
 - b) – peneiramento coletivo
- Aplicando, enfim, o ponto de vista do movimento que acompanha, invariavelmente, qualquer processo de peneiramento, este pode realizar-se:
- a) – no espaço social
 - b) no espaço geográfico. (MOURA, 1976, p. 39):

Desse modo, pode-se afirmar que, no contexto de produção do ensaio *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*, desenrolou-se um profícuo processo de decantação metodológica, posteriormente decisiva no sentido de Clóvis Moura pensar a imprensa negra e outras manifestações políticas do negro brasileiro. Descolado do marxismo acadêmico e arriscando-se em recorrer a outros aportes teóricos, o autor construiu importantes e originais chaves interpretativas para explicar o racismo subjacente à sociedade brasileira no

capitalismo pós-abolição. Um eixo marcará sua análise crítica do discurso republicano da igualdade democrática. Para ele, reforçado com os adventos da abolição e proclamação da República, o mito da democracia racial passou a se apresentar na forma de prolongamento da ideologia colonialista, na medida em que criou também eficazes mecanismos de marginalização da população negra.

Desde então, o conceito de barragens de peneiramento e o de grupos específicos para caracterizar movimentos de autodefesa dos negros contra o preconceito de cor habitaram cada vez mais os trabalhos de Clóvis Moura¹⁰. Por este viés, a imprensa tradicional do início do século XX foi entendida como um dos esteios dos processos de marginalização da população negra. Afirmou o autor: “[...] ao tempo em que foram criadas as ideologias de barragem contra o negro, montou-se, em contrapartida, a mitologia da ‘democracia racial’, divulgada através da imprensa, no rádio e de trabalhos sociológicos, antropológicos ou literários [...]” (MOURA, 1977, p.70). Com o intuito de demonstrar as barragens de peneiramento produzidas pela sociedade de classes contra os ‘homens de cor’, Clóvis Moura recolheu na imprensa notícias chocantes, casos extremos de racismo contra aqueles que, de alguma forma, atravessavam as barreiras sociais. É nesse quadro que são relatados os casos de suicídio de um trabalhador negro baiano em São Paulo no ano de 1962 (p.54), da mesma forma que dois homicídios, em 1972, praticados por homens brancos contra suas respectivas filhas por não aceitarem seus relacionamentos com negros (p.69).

Mas, é na terceira parte do livro *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?*, que o autor explicitou de forma contundente os resultados das apropriações de alguns elementos da ‘sociologia do peneiramento’ esboçados na obra anterior. Cabe registrar que o capítulo “[...] o negro como grupo específico ou diferenciado em uma sociedade competitiva (uma proposta dialética para o estudo dos grupos negros no Brasil e sua problemática) [...]”, foi elaborado em 1974, como parte de uma comunicação que o autor apresentaria¹¹ no “Simpósio sobre a Imagem do Negro na Sociedade Brasileira”, realizado entre os dias 3 e 6 de junho de 1974, pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, da Universidade Federal da Bahia. (MOURA, 1977, p.13).

Clóvis Moura ressignificou, pois, os conceitos de grupos diferenciados e grupos específicos de Emilio Willems, reelaborando-os na perspectiva da dialética materialista, mais precisamente nos dois clássicos termos derivados do conceito de classe: classe em si e classe para si. É do contato com outras classes em determinado contexto social que emerge a tomada de consciência pela qual uma classe “[...] pode reconhecer-se como específica, isto é, com objetivos próprios e independentes [...]” (MOURA, 1977, p.159).

A partir do nível de reconhecer-se específica, ela cria valores parciais próprios que funcionam como mantenedores dessa especificidade e, ao mesmo tempo, uma ideologia que dinamiza de um ponto de vista mais abrangente.

Assim como a classe fundamental em desenvolvimento cria uma ideologia abrangentes e dinâmica, os demais segmentos ou grupos sociais que se encontram na mesma posição de antagonismo em relação à infra-estrutura também criam valores com os quais se resguardam parcialmente do sistema tradicional que os oprime. Formam-se, em consequência, grupos específicos que, dentro de uma sociedade contraditória e conflitante, procuram, nos diversos níveis e de diversas maneiras, organizar-se para sobreviver e garantir-se contra o processo de compressão e peneiramento econômico, social e cultural que as classes dominantes lhes impõem”. (MOURA, 1977, p.159).

Chega-se, então, ao cerne da interpretação sobre a imprensa negra conferida por Clóvis Moura

Esse processo de dinâmica organizacional contínuo prolongou-se após a Abolição, em decorrência do peneiramento social a que foram submetidos os negros livres na sociedade “branca”. Poderão ser vistos como: confrarias religiosas, associações recreativas, culturais e esportivas, centros de religiões afro-brasileiras ou populares, como candomblés, terreiros de macumba, xangôs, centros de umbanda/quimbanda, pagelanças, escolas de samba, grupos teatrais ou políticos, como a Frente Negra, já com um nível de organização e grau de ideologização capazes de levá-los a participar de movimentos mais globalizadores. Devemos salientar, também, como grupos específicos os diversos **órgãos da imprensa negra** que tiveram papel relevante no sentido de difundir o *ethos* desses grupos, especialmente em São Paulo. (MOURA, 1977, p. 161, grifos nossos).

Clóvis Moura definiu a imprensa negra como um grupo específico de autodefesa: entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do XX, um reduzido número de negros em fricção com outras classes sociais tomou consciência não apenas das barreiras classistas interpostas para a mobilidade na estrutura social, mas também das barreiras projetadas com base no preconceito de cor. Ao imprimir fatos do cotidiano, anunciar serviço de e para negros, e denunciar o racismo nos jornais, a ação, inicialmente representativa dos negros paulistas em conflito com o mundo dos brancos, passou a representar os problemas da população negra de maneira mais ampla, desempenhando, então, o papel de grupo específico. Há de se considerar, ainda, que Clóvis Moura identificou a imprensa negra como movimento projetivo, aquele que, por suas práticas políticas, lança demandas e utopias de igualdade racial para outras temporalidades e espaços.

Esse momento de refinamento conceitual guarda, ainda, estreitas relações com ações de grande importância na trajetória de Clóvis Moura, notadamente a criação do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA), em 1976. O IBEA caracterizou-se por ser

um espaço de articulação investigativa e política sobre o negro brasileiro. Valendo-se dele Clóvis Moura desenvolveu inúmeros trabalhos, ofereceu cursos de formação, estabeleceu parcerias e viabilizou fomento para várias pesquisas (VIEIRA, 2017). No acervo preservado do IBEA, custodiado pelo Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), localizou-se um plano de trabalho no qual Clóvis Moura detalha o roteiro de evidências, documentos e hipóteses, inclusive cronológica, sobre a história da imprensa negra no Brasil:

O NEGRO E OS ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA
A IMPRENSA NEGRA: ONTEM E HOJE

1) Iremos abordar especificamente a imprensa e não outros órgãos de comunicação. Parece-nos significativo o tema, mesmo porque foi pouco estudado. Há uma escassa bibliografia sobre ele, embora sua importância seja considerável.

2) Motivos de aparecimento de uma imprensa etnicamente diferenciada. O preconceito, segundo seus fundadores, ou a impossibilidade da comunidade negra levar aos jornais tradicionais os seus problemas, a sua vida social e cultural, etc.

(O depoimento de Jaime de Aguiar virá depois)¹²

As marcas do roteiro de um texto em movimento são evidentes. Ao indicar a complementação do roteiro com o testemunho de Jaime de Aguiar, um dos fundadores do *Jornal Clarim da Alvorada*, Clóvis Moura forneceu pistas da estrutura de uma pesquisa em construção já que, em publicações posteriores (MOURA, 1983a e MOURA, 1984), o registro da entrevista com Jaime Aguiar foi marcada como tendo se realizado a 15 de junho de 1975. Rastros da construção da imprensa negra como objeto de pesquisa em Clóvis Moura ficam ainda mais evidentes quando pensados de forma conjugada a uma quase imperceptível observação manuscrita anotada pelo autor, de caneta azul, ao final da primeira oração, acima da segunda linha do segundo tópico supracitado: “[...] em país que se diz uma “democracia racial” – elemento para reflexão.[...]” (MOURA, 1976).

A delimitação cronológica da história da imprensa negra foi compreendida no intervalo entre 1915 e 1978. Foram arrolados os seguintes títulos: *O Menelick*, *Voz da Raça*, *Quilombo*. A nova imprensa negra é apontada a partir de 1947, com a publicação de *Novo Horizonte*, seguindo-se com os *Cadernos de Cultura* da Associação Cultural do Negro; *O SACI*, *SIMBA* – órgão da sociedade de intercâmbio Brasil-África; *Jornegro*, apontado como órgão da Federação de Negros de São Paulo; *Capoeira*; *Afrochamber*¹³; *Jornal Versus*; e *Abertura*.

O documento é de 1978 e, considerando a sequência cronológica das publicações que compõem o primeiro ciclo de estudos, está justaposto entre os livros *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?* e *Brasil: Raízes do Protesto Negro*. Entre um e outro o foco na imprensa negra enquanto objeto de análise adquiriu relevância e aprofundamento. As

conclusões parciais desse movimento foram primeiramente publicadas em *Organizações Negras*, cuja origem remonta atividades por ele desempenhadas em projeto do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), no final dos anos 1970:

O capítulo que aborda a trajetória das organizações negras em São Paulo, foi, originalmente, publicado de forma bastante resumida pelo CEBRAP que o havia encomendado, como está no livro “São Paulo: o povo em movimento”, volume coletivo de estudos solicitado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e publicado pela Editora Vozes. Sai agora na íntegra. (MOURA, 1983b, p.13).

À luz da leitura intensiva dos textos de Clóvis Moura é possível afirmar que a referida encomenda representou um importante ponto de passagem dos estudos moureanos sobre a imprensa negra. O objetivo do projeto do CEBRAP consistia em demonstrar a presença das classes populares e urbanas no espaço social paulista. Clóvis Moura participou da empreitada ao escrever o capítulo sobre as organizações negras em São Paulo identificando-as, até mesmo, como continuidade da tendência do negro ao associativismo, como já analisado por Artur Ramos¹⁴ (MOURA, 1983a, p.143.). Porém, deslocou a perspectiva demasiadamente culturalista para uma leitura sobre a formação da cultura afro-brasileira de resistência. Para ele, a história das organizações negras é a história da luta contra a destruição “social, cultural e biológica” da população negra. A marginalização, derivada da condição de classe e do preconceito de cor, estimulou o surgimento de práticas de resistência, sendo a valorização das origens étnicas e raciais uma delas:

[...] é a revalorização da própria etnia do grupo que o faz ver-se como um componente específico dentro da sociedade que o discrimina. Esses valores podem ser reelaboração de um passado cultural ou reivindicações mais atualizadas. A formação desses grupos específicos, numa sociedade competitiva, surge e adquire sua feição, fundamentalmente, do antagonismo entre as classes sociais. (MOURA, 1983a, p.44).

A imprensa negra aparece, então, como segmento das organizações negras, ressonância do longo processo de luta pela sobrevivência objetiva e subjetiva do negro brasileiro agora, porém, no espaço urbano. Conforme salientou Joel Rufino dos Santos: “[...] nesse sentido, a cidade, mais elástica que o campo, permitiu ao negro a livre associação, brotando por toda parte aquilo que Clóvis Moura chamou com propriedade de ‘grupos específicos.’” (SANTOS, 1999, p.21).

A grande diferença entre a íntegra do estudo publicado em *Brasil: Raízes do Protesto Negro* e a publicação promovida pelo CEBRAP, em 1980, consiste na incorporação de rigorosa análise relacionada à imprensa mulata. A questão que aparecia no plano de

trabalho de 1978, basicamente se apoiava na pesquisa de Jeanne Berrance, cuja síntese foi publicada no caderno suplementar do jornal o *Estado de S. Paulo* na edição de 02 de novembro de 1968. A análise da imprensa negra em termos de grupo específico contemplava invariavelmente a junção de raça e classe. E, nesse sentido, o registro do surgimento da imprensa negra na análise de Clóvis Moura parece travar um diálogo implícito com o enunciado de Nelson Werneck Sodré sobre o surgimento da imprensa mulata no Brasil. É que no clássico *História da Imprensa no Brasil*, ao analisar as mudanças no panorama da cultura impressa brasileira no contexto da emancipação política, o referido autor registrou a interseção entre condição de cor e condição de classe como propulsora da imprensa mulata:

A inquietação gerada em três séculos de domínio colonial, sob a rígida estrutura do latifúndio, deflagrariam na fase de transformação em que se esboçariam os traços fundamentais de um regime novo, para a nova situação, a de autonomia. No fundo, as contradições repontavam como a ação de forças ainda recentes contra a inércia do mundo rural. Traduziam-se sob formas as mais diversas, tal a de apresentar o comerciante luso como responsável por todas as mazelas, propício a todos os golpes, misturando-se a condição nacional e a condição de classe, como já se começava a misturar, em relação aos africanos e seus descendentes, a condição de cor e a condição de classe. Entre os pasquins da época, aliás, muitos denunciavam até pelos títulos – *O Crioulo*, *O Crioulinho*, *O Mulato*, *O Cabrito*, *O Homem de Cor* – o problema que surgia. (SODRÉ, 1983, p.157).

No que se refere ao conteúdo, a imprensa negra interpretada por Clóvis Moura percorreu caminho muito parecido: os jornais voltados para a difusão de informação e produção literária tornaram-se instrumentos de luta contra os efeitos do racismo. Não é outra a conclusão que se pode extrair com base em suas considerações a respeito do surgimento da imprensa negra. Afirma o autor:

Como vemos, os jornais negros surgiram quase que à base de informações sociais e literatura para, depois, irem tomando conotação de reivindicação racial. Isso aconteceu em função do aguçamento do preconceito de cor e da luta de classes, fatos que levaram os negros a transformarem os conteúdos de seus jornais que passaram a se manifestar sobre o primeiro problema. (MOURA, 1983b. p.55).

Ao analisar o surgimento da imprensa negra, Clóvis Moura retomou a tese de Nelson Werneck Sodré sobre o surgimento da imprensa mulata no início do século XIX, notadamente na aproximação entre raça e classe. Porém, avançou no sentido de operar a crítica a uma e a análise de outra nos parâmetros da dialética radical do negro brasileiro. Desse modo, a imprensa mulata é considerada esteio da ideologia colonialista, relançada na

forma de democracia racial, continuidade da estrutura de pensamento do colonizador acionada para dividir a comunidade negra. Enquanto grupo social, os jornais escritos por mulatos foram considerados uma espécie de produto da “elite negra” dissociada de suas origens étnico-raciais africanas e afro-brasileiras. Por esta razão, a luta contra o preconceito racial tornou-se secundária, a prioridade era a interação na ordem social branca. Nesse sentido, Clóvis Moura corroborou a leitura de Jeanne Berrance de Castro, uma vez que abordou a imprensa mulata¹⁵ nos quadros do racismo, de sua contribuição para o mito da democracia racial, denunciando a ilusão da integração dos homens de cor na sociedade escravista. Posteriormente, a imprensa mulata foi arrolada entre os verbetes inseridos no *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil* (MOURA, 2004, p.199).

Algumas dessas observações de Clóvis Moura desembocaram na edição do livro *Imprensa Negra* (1984), publicação realizada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, que coincide com um processo mais amplo de reconhecimento institucional das reivindicações de movimentos e entidades negras no estado de São Paulo, simbolizado na criação, no mesmo ano, do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra (CPDCN) (RODRIGUES, 2010).

Imprensa Negra foi uma publicação dos *fac-símiles* de algumas edições dos seguintes jornais: *O Menelick*, *A Voz da Raça*, *A Rua*, *Elite*, *Liberdade*, *O Clarim d’Alvorada*, *Alvorada*, *União*, *Quilombo*, *A Raça*, *O Alfinete*, *Auriverde*, *Tribuna Negra*, *Nosso Jornal*, *O Xauter*, *O Mutirão*, *Mundo Novo*, *O Kosmos*, *Chibata*, *Novo Horizonte*, *Hífen*, *O Estímulo*, *Getulino*, *O Patrocínio*, *Progresso*¹⁶. Nesta obra, parte da pesquisa realizada por Clóvis Moura para o CEBRAP, inicialmente publicada em versão resumida no livro *São Paulo: o povo em movimento* (1984), e, depois, integralmente, em capítulo de *Brasil: raízes do protesto negro* (1983), foi apresentado sob o título “estudo crítico” acompanhado pelas legendas de Mirian Ferrara, de quem Clóvis Moura compôs a banca de qualificação, em 1979 e de arguição final na dissertação de mestrado em 1982. Sobre este, reconhecerá o ineditismo do estudo, “[...] afora o de Roger Bastide, não temos conhecimento de outro do porte do presente [...]” (MOURA, 1986, p.20). À medida que apresenta pontos de ligação entre as pesquisas de Roger Bastide e Mirian Ferrara, ele expõe a lacuna e os limites desses trabalhos:

O trabalho que será lido em seguida não apenas aborda um tema pouco estudado na área das pesquisas afro-brasileiras, mas repõe em discussão um problema significativo: a ideologia do negro urbano de São Paulo que sempre reivindicou o direito de ser cidadão brasileiro, o seu desejo de integrar-se em pé de igualdade como todos aqueles que compõem a nação. Esta ideologia de integração percorre todas as fases da imprensa negra, tema que a autora com proficiência científica e paixão aborda. (MOURA, 1986, p.17-21).

Os temas, as ideias e interpretações estruturadas no primeiro ciclo de estudos lançaram pistas e hipóteses desenvolvidas em outros trabalhos do autor. Analisá-las foge ao escopo da proposta deste artigo. Mas, à guisa de algumas considerações finais, cabem duas observações. A primeira delas refere-se ao livro *Sociologia do Negro*, espécie de revisão bibliográfica de sua própria obra, o percurso traçado comporta também o cotejamento de outros autores e pesquisas sobre o negro no Brasil. Nele o autor situa seus estudos em perspectiva tridimensional: em relação ao universo acadêmico; em relação aos estudos elaborados em espaços de militância negra; e em relação aos intelectuais não acadêmicos, autodidatas. O que faz do livro uma publicação mais sofisticada, de maior densidade, o que de fato acompanha a própria trajetória do autor e o lugar de consagração que ele já ocupava nos três campos de poder.

Em *Sociologia do Negro do Brasil* (1988), escreveu que a marginalização sofrida pelos jornais negros impressos no início do século XX foi resultado da visão branca de imprensa. Demonstrou, ainda, as reverberações desse processo na formação dos profissionais da imprensa. Interessava a ele não apenas discutir as injustiças de Clio ou pôr a sociologia acadêmica em questão, mas também questionar os currículos dos cursos de jornalismo: “[...] pouco conhecida e não incluída nas escolas de comunicação como um capítulo a ser estudado e interpretado, a imprensa negra ficou na penumbra, como se fosse pouco significativa [...]”. (MOURA, 1988, p. 204). E vai além, em um movimento reflexivo que abrange a história da imprensa negra a partir de pontos até então inéditos em seus textos anteriores sobre assunto: a ordenação cronológica dos periódicos assume a função de apoio metodológico, definida com base na periodização advinda das conclusões de Roger Bastide e Mirian Ferrara. E define o posicionamento da história da imprensa negra situada entre 1915 e 1963, mas subdividida em três etapas: 1915 a 1923; 1924 a 1937; e, por fim, de 1945 a 1963. Contudo, enuncia um alerta direcionado, sobretudo, para a análise dos primeiros impressos:

[...] não é para ficarmos surpreendidos com as diferenças no enfoque de detalhes ou mesmo discordâncias de posições ideológicas. Mas o núcleo básico do pensamento é o mesmo: a posição dos negros no mundo dos brancos. Algumas vezes eles assumem um caráter reivindicativo, outras vezes, um conteúdo pedagógico e moral, mas sempre procurando a integração do negro. (MOURA, 1988, p.206).

Da mesma forma, analisou as mudanças ideológicas e no comportamento dos jornais, chegando mesmo a destacar “[...] o apolitismo da imprensa negra em relação àquilo que José Correia Leite chama de luta de classes [...]” (MOURA, 1988, p.212), prevalecente

em seu período inicial. A chamada ideologia isolacionista e absenteísta – variações dos mecanismos de defesa da imprensa negra – foi substituída por nova postura após 1945, quando a luta de classes nesses periódicos passou a desempenhar papel mais ativo, até mesmo na forma de apoios abertos a candidaturas de diferentes espectros ideológicos. Também foram delineadas as funções educacionais da primeira fase desses órgãos, ditando comportamento, valores e modelos de conduta social, assim como adquire maior espaço aproximações políticas com partidos e movimentos que extrapolam a questão negra.

A singularidade das considerações em torno da imprensa negra em *Sociologia do Negro Brasileiro* consiste em remeter-se, em primeiro lugar, a algumas divergências em relação a determinados autores canônicos, particularmente no que diz respeito às origens sociais dos responsáveis pelos jornais negros. Enquanto para Roger Bastide o surgimento dos jornais negros remetia a uma denominada classe média negra e, até certo ponto, poderia ser interpretado como indício “[...] dos primeiros efeitos da política de educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver o ensino gratuito primário [...]” (BASTIDE, 1983, p.131), para Clóvis Moura, a existência dos jornais negros apontava para outro caminho. A penúria financeira que marcou a trajetória dos periódicos indicava a existência da solidariedade étnica da comunidade negra marginalizada:

[...] este problema da manutenção dos jornais é derivado da situação de marginalização do negro de uma forma global na sociedade discriminadora. Embora Bastide afirme que os jornais surgiram de uma classe média negra, o depoimento de Raul Joviano do Amaral, repetimos, parece que demonstra, ao contrário, que era a estratégia de um mutirão permanente entre os negros que dava sustentáculo a esses órgãos. (BASTIDE, 1983, p.215).

A segunda observação final incide no problema da ausência de estudos sobre algumas questões da imprensa negra. Notadamente no que se refere aos elementos da estrutura de expressão, isto é, a imprensa negra como portadora de uma linguagem específica de grupos negros específicos. Assim, em *Dialética radical do Brasil negro*, Clóvis Moura alertou para as relações existentes entre a escrita e a cultura afro-brasileira, apontando, pois, os caminhos para possíveis novas abordagens historiográficas sobre a imprensa negra como documento histórico de um grupo específico. Abordou a imprensa negra valendo-se de categorias como “trabalhador intelectual negro”, por exemplo, e esboçou reflexões sobre a continuidade de um idioma da senzala e de uma literatura artesanal negra, que passa de mão em mão, como antigamente se passavam as mensagens quilombolas, ambas portadoras de outro tipo de linguagem ainda carentes de estudos:

Quando os negros também escrevem de forma diferente, essa forma diferente passa a ser forma inferior porque eles, os críticos, não aceitam uma literatura que exprima a diversidade cultural e étnica do país. Aí está um problema para ser discutido. Por que quando Juó Bananére, que escreve numa linguagem dialetal italiana é considerado autor de uma obra de arte literária e quando os negros escrevem dentro de uma estrutura diferente da tradicional lusitana, nós achamos que eles não sabem escrever, eles precisam aprender a língua do colonizador? (MOURA, 1994, p.187).

Nos dois trabalhos relacionados acima, Clóvis Moura promoveu uma releitura de seus próprios escritos sobre a história da imprensa negra. Para ele, a dinâmica capitalista imposta aos marginalizados negros incidia na redefinição de objetivos políticos por parte da comunidade negra. Escrevendo no contexto de centenário da abolição da escravatura (1988), afirmou que os tipos de relações étnico-raciais e preconceitos que deram forma à sociedade capitalista brasileira exigiram “[...] do negro uma participação na qual o específico étnico fique embutido no programa de modificações que este tipo de sociedade está a exigir [...]”. (MOURA, 1988, p.217). Isto implicaria a diluição de alguns mecanismos de ação política, notadamente a imprensa negra. Ou seja, com base em mudanças estruturais, socioeconômicas e políticas: “[...] não haverá mais necessidade de uma imprensa alternativa que defenda os interesses de uma comunidade oprimida e discriminada, isto porque terão desaparecido a opressão e a discriminação [...]” (MOURA, 1988, p.217). E, em outro movimento, Clóvis Moura redimensionou a imprensa negra nas matrizes constituintes da comunidade negra no interior da sociedade capitalista. Segundo ele, a imprensa negra expressava a atuação de um segmento de negros letrados, produtores e difusores culturais e políticos dos símbolos e valores tangentes à identidade afro-brasileira, elementos imprescindíveis para sua configuração enquanto grupo específico de autodefesa. Seus membros protestaram contra o preconceito de cor no período pós-abolição, todavia, seus escritos não tiveram “[...] acústica para comunicar o seu discurso às camadas negras pauperizadas e marginalizadas [...]” (MOURA, 1994, p.189). Estas observações assinalaram a importância da imprensa negra na afirmação de uma cultura afro-brasileira de resistência durante as primeiras décadas do século XX, portadora de inestimável legado para as organizações negras que vieram depois. Mas as observações de Clóvis Moura revelaram, também, os enormes desafios que pairavam sobre aquele grupo específico de autodefesa, no intuito de estabelecer elos efetivos com a outra dimensão da comunidade negra, os ‘plebeus’, formada pela classe trabalhadora negra que compunha a maioria social marginalizada.

Recebido em: 23/01/2017**Aprovado em: 03/03/2017****NOTAS**

¹ Este texto consiste em versão ampliada da comunicação “A imprensa Negra em Clóvis Moura: de documento histórico a grupo específico de autodefesa” apresentada no debate “Clóvis Moura e a imprensa negra no Brasil: jornalismo de resistência”, realizado no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), em 10/11/16. Pesquisa realizada com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº 2016/20111-0.

² A expressão “moureana” para designar o pensamento de Clóvis Moura foi empregada por Dennis de Moraes em “Uma análise marxista das relações raciais. In: MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. 2ªed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, coedição Anita Garibaldi, 2014. p.15-22.

³ Em texto comemorativo, por ocasião dos 30 anos dos Cadernos Negros, Aline Costa afirmou que, quando do surgimento deste, em 1978, já “havia outras publicações, como o “Árvore de Palavras”, também idealizado e produzido por Jamu Minka, que eram distribuídas no centro de São Paulo”. Cf: COSTA, Aline. Uma história que está apenas começando. In: RIBEIRO, Esmeralda e BARBOSA, Márcio (Orgs.). *Cadernos Negros: três décadas – ensaios, poemas, contos*. São Paulo: 2008.p. 21.

⁴ MOTTA, Ubirajara D. da. *Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira*. São Bernardo do Campo, 1986. Dissertação [Mestrado em Comunicação Social] – Instituto Metodista de Ensino Superior.

⁵ Cf: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. Vol. 1. Brasília; Belo Horizonte: Câmara dos Deputados; Governo do Estado de Minas Gerais, 1976. p.105.

⁶ A importância da imprensa como fonte das pesquisas que resultaram em rebeliões da Senzala foi assinalada por João José Reis e Flávio dos Santos Gomes na introdução do livro *Liberdade por um fio*. Escreveram os autores: “Com Clóvis Moura, cujo rebeliões da Senzala foi publicado originalmente em 1959 pela Editora Zumbi, os quilombos foram revisitados a partir de uma pesquisa mais estritamente marxista. Rico em material empírico reunido de fontes impressas, o livro surgiu num momento em que vários estudiosos, os mais conhecidos ligados à Universidade de São Paulo, esforçam-se para combater a concepção que tivemos no Brasil relações escravistas em geral harmoniosas, uma velha ideia sistematizada por Gilberto Freyre no início da década de 1930”. Cf: REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁷ De acordo com o professor João Batista Borges Pereira (1994), o professor Emílio Willems (1905-1997) desempenhou papel fundamental no desenvolvimento da disciplina (1941), especialização (1947) e da cadeira (1948) de Antropologia na FFLCH da USP. Deixou o Brasil 1949 para lecionar no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos. Cf: PEREIRA, João Baptista Borges. Emílio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia. *Estudos Avançados*, SP, 8 (22), 1994, p.249-253.

⁸ Em sua dissertação de mestrado, Gustavo Orsolon de Souza relacionou algumas correspondências trocadas entre Clóvis Moura e Emilio Willems em meados da década de 1940. A questão conceitual aqui trabalhada, – grupos específicos e grupos diferenciados – porém, não foi examinada. Cf: SOUZA, Gustavo Orsolon. *Rebeliões da Senzala: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro*. RJ: UFRJ, 2013. pp.35-36.

⁹ WILLEMS, Emilio. “Problemas de uma sociologia do peneiramento”. In: *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, nº. LXXV, p.9/10. Apud. MOURA, 1976.p. 39-40.

¹⁰ Uma década depois, o autor retomou o tema de maneira mais sistematizada no livro *Sociologia do Negro Brasileiro*. Muito embora o capítulo IV tenha sido intitulado “O negro como grupo específico ou diferenciado em uma sociedade de capitalismo dependente” (MOURA, 1988, pp.109-155.) as referências a Emilio Willems não figuraram nesta parte do texto.

¹¹ De acordo com o próprio autor, a apresentação no referido Simpósio não chegou a ser concretizada: “Finalmente, a última parte é composta de uma comunicação que apresentaríamos ao “Simpósio sobre a imagem do Negro na Sociedade Brasileira” realizado entre os dias 3 e 6 de julho de 1974, pelo centro de estudos Afro-Orientais, da Universidade Federal da Bahia, para o qual fomos convidados pelo prof. Guilherme d Souza Castro, seu presidente. Infelizmente, por motivos alheios à

nossa vontade, não pudemos comparecer. Estamos publicando, agora, de forma bastante ampliada o que teríamos dito naquela ocasião”. MOURA, 1977, p.12-13.

¹² CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Série 3: Diversos. Correspondências. Caixa 8.

¹³ Órgão da Câmara de Comércio Brasil-África, criada e presidida pelo deputado federal paulista Adalberto Camargo.

¹⁴ A aproximação do pensamento de Clóvis Moura com a questão do associativismo negro em Organizações Negras foi estudada por Flávia Rios: RIOS, Flavia Mateus. *Movimento negro brasileiro nas ciências sociais* (1950-2000). Soc. e Cult., Goiânia, v. 12, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2009. p.268.

¹⁵ Atualmente, existem outros estudos que analisam os mesmos impressos com base em outras abordagens. Ver por exemplo: PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil no século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

¹⁶ A coleção de periódicos coletados por Miriam Ferrara durante a pesquisa encontra-se disponível no portal Imprensa Negra Paulista, projeto institucional da Universidade de São Paulo coordenado pelas professoras doutoras Ana Claudia Castilho Barone e Edilza Sotero. A esta coleção foram incorporados outros impressos que extrapolam a cronologia estabelecida pela professora Miriam Ferrara e outros autores. Ver: [<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>], último acesso em 24/11/2016.

FONTES

Folha de S. Paulo. 13/05/1972.

Jornal da Tarde. 12/06/1975.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. A imprensa negra no Estado de São Paulo. In: *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983. p.129-156.

CAMARGO, Oswaldo. *A descoberta do frio*. São Paulo: Edições Populares, 1979.

CARELI, Wagner. Em exposição na Pinacoteca, a história da imprensa negra. O Estado de São Paulo, 29/05/1977.

CASTRO, Jeanne Berrance de. Imprensa Mulata. In: Suplemento, *O Estado de S. Paulo*, 02/11/1968.

FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. 4ª ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: INSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ªed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008b.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

_____. *O preconceito de cor na literatura de cordel (tentativa de análise sociológica)*. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976.

_____. *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (Coleção Temas Brasileiros, vol. 21.) São Paulo: Conquista, 1977.

_____. Prefácio. In: CAMARGO, Oswaldo. *A descoberta do frio*. São Paulo: Edições Populares, 1979.

_____. Organizações negras. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius de Caldeira. *São Paulo: o povo em movimento*. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1983a.

_____. Os quilombos e a rebelião negra. (Coleção Tudo é História) São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. *Brasil: raízes do protesto negro*. (Coleção Passado & Presente). São Paulo: Global Editora, 1983b.

_____. *Imprensa negra*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1984.

_____. Prefácio. In: FERRARA, Mirian Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH, USP, 1986. (Antropologia, 13). p.17-21.

_____. *Sociologia do negro*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Editora Anita, 1994.

_____. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

NOGUEIRA, Fábio. *Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Direito, UFF, Niterói, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira. *Projeto: Quinzena do Negro (22/05 a 06/06 de 1977) – USP – MIS – Pinacoteca*. SP, 1977. CEDOC / Pinacoteca do Estado.

RODRIGUES, Elisa Lucas. *Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra: 26 Anos de História*. São Paulo. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. A Inserção do Negro e seus Dilemas. In: *Parcerias Estratégicas*, Brasília, número 6, março/1999, 110-154.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VIEIRA, Cleber Santos. Clóvis Moura e a fundação do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. *Revista da ABPN*. v. 9, n. 22 • mar/jun, 2017: p.349-368.